

---

# A POESIA LYRICA BRAZILEIRA

---

Com o titulo acima publicou a *Revue des Revues* em os ns. 23 e 24 de dezembro ultimo um interessante estudo sobre alguns dos nossos poetas. O seu autor, o Sr. Louis-Pilate de Brinn' Gaubast pertence á geração de homens de letras recentemente revelada na *Revue Blanche*, *Ermitage*, *Mercure* e occupa-se principalmente de critica literaria. O que para nós torna particularmente sympathica a personalidade deste escriptor é a resolução com que elle se entregou ao estudo da lingua portugueza, no intuito de tornar-se familiar com as literaturas dos dois paizes que falam a lingua de Camões e de Gonçalves Dias. De que alguma coisa tem conseguido dá testemunho o trabalho a que nos referimos e de que vamos dar uma idéa aos leitores da *Revista Brasileira*.

Qualquer que seja a divergencia entre a nossa maneira de ver e a do Sr. Brinn' Gaubast, nem por isso o seu trabalho merece menos a nossa estima pela sinceridade da sua critica e pela convicção no modo de exprimi-la. O estudo é feito, como elle declara, através do livro do Sr. Teixeira Bastos: *Poetas Brasileiros*, e versa sobre os Srs. Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Filinto de Almeida, Hugo Leal, Mucio Teixeira, Fontoura Xavier, Sylvio Romero, Izidoro Martins Junior, Theophilo Dias e Valentim Magalhães.

O autor começou por assignalar como os centros intellectuaes e artisticos mais activos da America do Sul, S. Paulo, Recife o Rio de Janeiro e, porventura, a Bahia; estabelece que a literatura brasileira, comquanto influenciada pelas literaturas franceza e portugueza, não deixa de ter origens profundas em uma evolução mental autenticamente americana, e que a emancipação politica da nossa



colônia não foi, no fim de contas, senão a consequência e não a causa da emancipação das almas que, a partir do século XVII cada vez mais se patenteava em certo numero de escriptos.

Em nota, o autor abalisa aquelle século com o vulto de Gregorio de Mattos, a quem, secundando o Sr. Oliveira Lima, denomina o verdadeiro fundador, d'ora avante incontestado, da literatura brasileira propriamente dita. De sorte que, quem ligar a nota ao texto será forçado a concluir que todo o ardor desenvolvido no esforço supremo pela nossa emancipação politica vinha de longe escandecido pelas facecias do poeta burlesco. Não o acreditamos; no entanto, a affirmação nem por isso prova menos o cuidado que mereceu ao estudioso escriptor francez a indagação da origem das fontes da literatura brasileira.

A originalidade da poesia brasileira encontra-a o autor « onde quer que esta cante lyricamente, sensualmente, as sinceras emoções do homem, diante das maravilhas da mulher ou dos esplendores da natureza ». Mas logo acrescenta:

« Infelizmente, a estas duas sans características vem juntar-se uma terceira execravel, intoleravel a todo o artista e contraria ao proprio sentido do papel social da Arte: e já não falo desse indianismo artificial e transitorio em que o contagio romantico faz ainda algumas vezes cair uma literatura desprovida de tradições medievais, depois que teve de repudiar por um patriotismo sem duvida excessivo, as que lhe fornecia abundantemente a Europa; não; o que deprecia para mim, desde a nascença, a maior parte dos poemas desta literatura é a intenção que nelles se revela da parte dos seus creadores de fazer servir o verso á demonstração de não sei que theses politicas, socialistas, revolucionarias ou scientificas. »

A este ponto conviria talvez, no intuito de socegar o animo do amigo da nossa literatura, assegurar-lhe que, no momento actual, nenhum dos nossos poetas emeritos se mostra ardentemente empenhado em derrubar as instituições a golpes de alexandrinos nem em quebrar decasyllabos como lanças, em favor da lei da attracção universal. Mas o nosso fim não é fazer a critica do artigo do Sr. Brinn' Gaubast, é simplesmente apresental-o.

O triplice character que o Sr. Brinn' Gaubast acredita poder especificar como peculiar á musa brasileira é: « Lyrismo sensual na expressão do Amor, admiração não menos lyrica e ainda mais



sensual da Natureza, frequente subordinação da poesia á sciencia, ou, o que ainda é peor, á politica. » Estabelecida a feição fundamental da poesia brasileira como ella se lhe afigura, parece ao autor que o estudo das personalidades se póde reduzir, em ultima analyse, á indagação das proporções segundo as quaes estas tres tendencias apparecem combinadas em cada individuo. Nada mais claro e racional; mas a difficuldade dos estudos desta natureza consiste precisamente na quasi impossibilidade de proceder com rigor na analyse quantitativa daquelles elementos. E o autor assim o reconhece, quando affirma que similhante methodo necessitaria de exemplos que só poderiam ser esclarecidos por longas e fastidiosas annotações, e por outro lado poderia suggerir apreciações muito inexactas deixando de determinar a parte legitima que innegavelmente tem de pertencer á influencia das literaturas europeas. Por este motivo, o Sr. Brinn' Gaubast limita-se modestamente, segundo a sua expressão, a classificar dois a dois, em cinco categorias, sob etiquetas geraes, os dez poetas de que pretende occupar-se.

« Nas duas primeiras categorias comprehendemos os temperamentos acima de tudo lyricos; estes mais objectivistas, discipulos dos parnasianos portuguezes e francezes (os Srs. Raymundo Corrêa e Alberto de Oliveira) aquelles, subjectivistas, em quasi todas as suas producções, inspirados nos classicos da lingua portugueza (Filinto de Almeida) ou nos romanticos de além-mar (Hugo Leal). A's duas categorias seguintes pertencerão aquelles a quem chamaria de boamente *progressistas*, em virtude da illusão dominadora da sua fé generosa e van; preocupados uns com as questões sociaes (Mucio Teixeira e Fontoura Xavier), outros com a idéa fixa e a perigosa ambição de fazer fluctuar no cimo da dupla montanha a bandeira da philosophia materialista moderna (os Srs. Sylvio Romero e Izidoro Martins Junior). Por ultimo, o autor entende « que um lugar a parte deve ser reservado a dois homens do maior talento, cuja obra irradia alternadamente para cada uma destas quatro direcções typicas: o primeiro que morreu muito novo (Theophilo Dias) inteiramente saturado dos succos da flora baudelaireana, o segundo vivo e são (Valentim Magalhães) discipulo de um Victor Hugo que não é o Victor Hugo das nossas preferencias. »

Assim emparceirados dois a dois segundo caracteres communs, o autor extrema a cada um delles pelo seu character individual, pelo



que elle possui de inconfundivel com o outro de igual categoria. Para operar esta differenciação, e por que ella tem de começar pelos Srs. Raymundo Corrêa e Alberto de Oliveira a quem classifica de parnasianos, entende dever « recordar a principal censura formulada contra os rimadores desta escola pela critica independente: a de ter por alvo produzir, pelo emprego unico da palavra, effeitos que são da alçada da esculptura, da pintura, da musica ou das pretendidas artes menores, mas nunca da arte synthetica por excellencia, a Poesia. » E exemplifica: « Ainda que a segunda das collecções publicadas pelo Sr. Raymundo Corrêa não tivesse este titulo vago e, no entretanto significativo *Symphonias*, nenhum leitor imparcial tardaria a reconhecer, como o Sr. Teixeira Bastos, que as qualidades daquelle livro consistem na harmonia da estrophe, na sonoridade das palavras, na sciencia mais ou menos aprofundada do rythmo: ora dar provas de taes qualidades quasi exclusivamente musicaes é sufficiente para encantar os sentidos por alguns minutos, mas não é bastante para supprir por muito tempo a falta de espontaneidade, de emoção vigorosa e verdadeira, de pensamento, ainda que rudimentar, de um ideal, digamos tudo. E o que mostra bem que aqui a fórma não basta por si só é que a repetição rebuscada de certas frases, de certos termos, levada até o abuso, longe de nos embalar, irrita-nos. Pobreza de imaginação, para concluir.

« E si a conclusão é, porventura, excessiva, tem ao menos a desculpá-la o grande numero de traducções heterogeneas adaptadas pelo Sr. Raymundo Corrêa das obras de Schiller como de Victor Hugo, de Theophilo Gautier como de François Coppée, de José Zorrilla como de Campoamor.

« Pobreza de imaginação, continúa o Sr. Brinn'Gaubast, é ainda o julgamento que parece applicavel de um modo igual, comquanto por muito diversas razões, ao segundo dos objectivistas parnasianos que nomeei, ao autor das *Meridionaes*, Alberto de Oliveira. Neste, nada de estribilhos; tudo amplificações sobrecarregadas de epithetos, nada de traducções eclecticas; tudo assumptos inspirados na antiguidade grega, em Shakespeare ou em um romantismo para adorno de chaminé. Assumptos, digo eu? Pretextos muitas vezes futeis para descripçõesmeticulosas cheias de colorido e de brilho, de uma fórma impecavel, não ha duvida, apesar da superabundancia dos adjectivos, mas que nos fazem lamentar amargamente que Alberto



de Oliveira tenha errado a vocação; porquanto ha nelle a estofa de um pintor de genio, ao passo que nunca será tido, por falta de intellectualidade, sinão por um poeta de talento e de um talento de segunda ordem. »

E, prevendo que lhe objectem que um poeta não é um philosopho, contesta: « Embora! nem por isso parece menos haver mister de um pouco de psychologia sentimental expressa ou subentendida para despertar o interesse por obras cuja razão de ser, reside, em ultima analyse, em tal ou tal dos sentimentos humanos. A prova, se prova é necessaria, está na emoção que nos captiva ao lermos os sonetos e os tercetos em que se nos revela a alma terna, mas viril de um lyrico do amor filial e do Amor, Filinto de Almeida.

« Quer elle evoque os olhos maternos, cujos olhares idolatrados, velados de enigmatica dôr illuminaram a sua infancia, com o melancolico flammejamento de um arco-iris por entre lagrimas, quer elle cante á brasileira o seu *Suave mari magno*, a penetrante intimidade do lar que o horror da tempestade rodeia, quer exprima, os langores da paixão nascente, os desfallecimentos consecutivos, as resurreições freneticas da alma e da carne saciadas, quer chore em sonetos pungitivos o fim da joven ideal sua promettida, sempre o verso deste poeta, classico e até camoneano, facil sem ser descurado, desperta no mais profundo de nós mesmos as mil vozes sympathicas de ecos mal adormecidos. E isto porque, pela appropriação da mais perfeita fórmula aos sentimentos mais sinceros e do estylo mais pessoal ás idéas mais geraes Filinto de Almeida satisfaz ao mesmo tempo o artista admirador dos parnasianos, o critico amigo dos classicos e o homem, bem raras vezes insensivel ao grito da dor offegante ou da alegria. »

Em seguida, tendo de qualificar a Hugo Leal a quem involvera na mesma categoria, assim se exprime:

« Depois disto a ninguem surpreenderá si eu disser que artista e critico terão de violentar-se para não julgar com demasiada dureza a obra muito mais incorrecta, individualista, desequilibrada, do infeliz Hugo Leal, para com a qual, á primeira apparencia, nenhum homem de bom coração deixará de ser indulgente. Os unicos versos que teve tempo de reunir em volume, *Rosas de Maio*, escriptos entre os quinze e os vinte annos dão testemunho de aptidões lyricas excepçionaes: a nostalgia do céu natal, que tinha sido obrigado a



deixar pelo da Europa, a sensualidade precoce da paixão combatida no adolescente pelas recordações de família e pela saudade dos castos primeiros sonhos, e, por ultimo, o presentimento da morte que não tardou a feril-o aos vinte e cinco annos, inspiraram-lhe, aqui e alem, algumas estrophes de commovente venida, não obstante a imperfeição e o empollado de estylo : entendo porém, que é excessivo ver nellas mais do que vagas promessas, e, quando me dizem que o poeta se orientava, cada vez mais, durante os ultimos mezes da sua curta existencia, para a sciencia e para a politica, não posso deixar de acreditar que essas promessas, como poeta, não as teria realizado si tivesse vivido.»

E d'ahi quem sabe? A politica, as preocupações sociaes, se muitas vezes desvairaram a esthetica dos homens de valor a que chamei *progressistas*, esterilizaram-lhes porventura a veia, para todo sempre? E' forçoso reconhecer que não. Alteraram-lhe a pureza e nada mais ; mas tanto basta para que nenhum delles tenha mais direito neste breve esboço a um paragrapho especial. De facto ; de que serve rejeitar (não sem razão) as theorias da arte pela arte, si é para as substituir pelas formulas da arte pela sciencia e pela sociologia ? Não insistamos ; ha palavras que basta juxtapol-as para que se opponham.

Passando á seguinte categoria, e sem violentar a transição, antes realizando-a suavemente assim prosegue : « Estabelecidas estas reservas não tenho difficuldade em confessar que na *Ironia da Estatua* o Sr. Mucio Teixeira nos deu quasi uma obra prima de poesia satyrica ; na *Sesta*, um quadro encantador da livre vida brasileira em plena natureza exuberante, e ainda nos *Tres Parias* (tres soldados que conversam á noite na casa da guarda), uma critica admiravelmente objectivada dos horrores do militarismo militante.» E logo passando ao autor das *Opalas*:

« Tam pouco contesto ao Sr. Fontoura Xavier, espirito já mais sombrio e fundamentalmente sceptico, a sua sciencia de verificador, o brilho da sua linguagem colorida, a viva sinceridade da sua sede de justiça, a grandiloquencia e o entusiasmo de muitos dos seus poemas, taes como *O Velho Deus*, (o sol) que elle celebra com uma piedade inteiramente nacional.»

O primeiro da quarta categoria é o autor dos *Ultimos Harpejos*, a quem o critico faz a seguinte referencia : « Sei apreciar por outro



lado, os serviços que o Sr. Sylvio Romero se gaba, elle proprio, de ter prestado ao escol intellectual da sua patria, pelejando com bom exito contra os ultimos romanticos, pregando com o exemplo o regresso a essas tradições populares, authenticamente americanas (e não artificialmente indianistas) das quaes ha pouco colligiu um folk-lore em muitos volumes.»

Do autor das *Visões de hoje* diz :

« Finalmente, não negarei que, apesar da superabundancia de versos fracos, de imagens improprias e de cunhas que parecem na obra desigual de Izidoro Martins Junior pleitear contra a sua tentativa, seja possivel e facil, no meio da farragem da versalhada scientifica e das tiradas positivistas, descobrir alguns pedaços de impressionadora eloquencia. O que confirmo simplesmente é que nenhum destes progressistas forneceu, segundo a propria confissão do Sr. Teixeira Bastos, uma só producção que seja ao mesmo tempo progressista e isenta de defeitos. Não tinham modelos por onde se guiassem? De accordo. Mas então, porque os não crearam? E' que em materia de Arte, não ha que ver, não existem dois meios de qualquer com segurança ganhar a sua causa: mostrem-nos uma obra prima e terão razão.»

E, transitando para a segunda categoria, prosegue :

« Bem sei que uma tal exigencia deve parecer excessiva a mais de um bom espirito; apesar disso, seria por ella que eu desejaria concluir, si tivesse o direito de fazel-o sem recordar, ao menos os nomes dos dois poetas (Theophilo Dias e Valentim Magalhães) cuja obra, disse eu, irradia alternadamente para o socialismo e para a sciencia, para o lyrismo do Parnaso e o dos subjectivistas brasileiros. Theophilo Dias e Valentim Magalhães, a não considerar sinão o valor dos homens e a importancia da posição que occupam nas letras do seu paiz, seriam um e outro muito dignos de um estudo particular; algumas palavras, todavia, serão sufficientes para cada um delles, por isso que me occupo menos das personalidades que das correntes de idéas canalizadas nellas, e visto como as correntes de idéas, cuja reunião constitue a psychologia complicada destes dois ultimos escriptores, já foram objecto de analyse por occasião dos outros grupos.

« Theophilo Dias morreu: importa reservar-lhe o lugar de honra. *Progressista* nos seus maus dias, tambem elle se esfalfou na ultima



parte das suas brilhantes *Fanfarras* a predizer-nos em todo os tons (excepto naquelle em que o devia fazer) a espaventosa futurição de não sei que reinado da razão pura e de uma igualitaria justiça universal. Mas, como estas predicções nos revelam, antes de mais nada, a sceptica generosidade das aspirações do seu coração e não o entusiasmo communicativo de uma firme convicção da sua intelligencia, tanto menos lh'as incrimino, quanto sinto que para este poeta ellas não foram manifestamente mais do que simples exercicio de amador, e, abandonando-me sem reserva ao encanto captivante das produções em que sobrevive o melhor delle, originaes, apesar de mais de uma reminiscencia de Victor Hugo, de Quinet, de Heine, e principalmente de Baudelaire, saudo com uma lembrança commovida o grito sublime que irrompeu sob este titulo *A matilha*, em uma hora de paixão violenta, das vivas profundezas de humanidade sincera de seu temperamento de amoroso sensual. »

Do autor dos *Cantos e Lutas*, affirma :

« O talento do Sr. Valentim Magalhães é mais sobrio e concentrado ; não digo que seja menor, mas, porventura, fala menos á nossa sensibilidade ; mais senhor das suas emoções, descreve antes a natureza como parnasiano do que a canta como verdadeiro lyrico ; mais deliberadamente confirmado na sua fé de democrata humanitario, pleiteia em versos precisos as theses tradicionaes, mais do que se derama em declamações vagas, emfim, polemista de raça, mais bem instruido por longa pratica de jornalismo em pôr ao serviço da sua causa o sangue frio que aliás o caracteriza, escarnece os prejuizos, achincalha os ridiculos, mais do que estruge contra injustiças que por si mesmas estão clamando ; dest'arte, affirma-se sob o ponto de vista puramente nacional, como o herdeiro espiritual de Gregorio de Mattos, o pae das letras brasileiras. »

O Sr. Brinn'Gaubast, fecha o seu artigo com uma referencia á *Thebaida*, á Padaria Espiritual do Ceará, tendo por orgão *O Pão* e por poeta principal Antonio Salles, e á *Nova Revista* dos Srs. Adolpho Caminha e Oliveira Gomes que affirma estar destinada a representar perante a *Revista Brasileira* já poderosa, o mesmo papel das novas revistas em França perante a *Revue des Deux Mondes*.

Sem pretendermos criticar as opiniões do Sr. Brinn' Gaubast, mas pessoas, outras reflectidas da obra do Sr. Teixeira Bastos, não nos dispensaremos, no entretanto, de fazer algumas ligeiras considerações



que patenteem áquelle escriptor a attenção que nos mereceu o seu trabalho. Assim, por exemplo, referindo-se ao Sr. Alberto de Oliveira, lamenta *que elle tenha errado a vocação, porque ha nelle a estofa de um pintor de genio, ao passo que nunca será tido, por falta de intellectualidade, senão por um poeta de talento e de um talento de segunda ordem.* Devemos confessar que é bastante metaphysico isto. Si o Sr. Brinn' Gaubast encontra no Sr. Alberto de Oliveira a estofa de um pintor de genio, é que são geniaes as imagens creadas por elle como poeta, a menos que o autor do artigo não pretenda concluir que imagens consideradas inferiores na poesia possam ser superiores na pintura. Ora o Sr. Brinn' Gaubast sabe muito bem que a Arte, na pintura como na poesia, só merece tal nome com a condição de ser creadora. Si ao Sr. Alberto de Oliveira fallece imaginativa como poeta, não vemos bem em que se basea o autor da critica para affirmar que elle a teria como pintor. Tão pouco, sabemos o que significa aquella expressão *falta de intellectualidade*. Si com aquelle dizer o Sr. Brinn' Gaubast pretende inculcar a carencia do vigor intellectual sem o qual não ha poeta nem pintor, não comprehendemos como o Sr. Alberto de Oliveira, desprovido daquelle predicado, desmereça o nome de grande poeta, podendo, no entretanto, merecer o de grande pintor.

A subtileza de taes trocadilhos não se compadece com o rigor da critica. Um estudo mais reflectivo permittirá ao Sr. Brinn' Gaubast verificar que o autor dos *Sonetos e poemas* é um poeta de talento, não de segunda, mas de primeira ordem.

Com respeito á apreciação feita á obra de Sr. Sylvio Romero, afiguram-se-nos muito contestaveis os *serviços prestados por este escriptor, como poeta, ao escol intellectual da sua terra*. Como critico eminente, como elevado pensador, como laborioso historiador da nossa literatura, o autor de tantas obras de valor teria creado discipulos, si as especies correspondentes áquelles dotes se cultivassem entre nós; como poeta, a sua influencia é simplesmente negativa, visto como toda a sua obra, em verso, é a negação da Arte.

Abstrusa nos parece a declaração feita, a proposito de Theophilo Dias, de que deixa de lhe censurar as predicções de um futuro reinado da razão pura em que este poeta se compraz nos seus versos, *por não ver nelles o enthusiasmo communicativo de uma firme convicção da sua intelligencia, mas simplesmente um exercicio de amador.* De sorte que, si houvesse no poeta aquillo que é nada menos do



que uma das condições primordiais da obra de arte, a communicabilidade, o critico não lhe perdoaria. Isto seria um contrasenso, si não fosse apenas um jogo de palavras.

Tratando do Sr. Valentim Magalhães, a affirmativa de que a *importancia que elle occupa nas letras de sua patria seria digna de um estudo particular*, não se póde referir evidentemente sinão ao prosador copioso, ao critico bem intencionado, acima de tudo ao incansavel trabalhador que se encerram na personalidade daquelle escriptor; no entretanto, tal affirmativa em um estudo em que se pretende considerar a sua individualidade como poeta póde autorizar a conclusão de que a Valentim Magalhães compete lugar a parte em relação aos mais assignalados cultivadores da poesia brasileira, o que seria uma falsidade contra a qual protestaria elle proprio, que com tanta eloquencia pronunciou, ainda não ha muito, o panegyrico de um dos mais notaveis: o Sr. Raymundo Corrêa. O que tambem é inexplicavel é como a longa pratica de jornalismo que actualmente possui Valentim Magalhães tenha podido influir no tom das suas poesias concebidas antes de 1879, data da publicação dos *Cantos e Lutas*. Aqui ha manifesto equivoco. Demais, não são precisamente ideaes de poesia o que a longa pratica do jornalismo tem trazido ao nosso escriptor, bem pelo contrario, devem ter sido as desillusões de toda a especie adquiridas naquella vida que nos roubaram o poeta.

São estas as principaes discordancias que encontramos no trabalho do Sr. Brinn' Gaubast e que estamos certos não tardará a corrigir no seu espirito, visto como se não originam em falta de lucidez da sua intelligencia de critico, mas na escassez dos documentos de que se serviu.

SILVA RAMOS

---